

As raízes do povo de Deus: Abraão, Jacob e José

BERNARDO CORRÊA D'ALMEIDA

Faculdade de Teologia – UCP (Porto)

1. Evento fundacional do povo de Deus

A justa compreensão do ser e da vocação do povo de Deus resulta do discernimento e do entendimento da *realidade em evento* que o criou e recria. Efetivamente, o povo de Deus não foi nem é definido pelos seus preceitos, pelas suas estruturas, pelos seus conceitos ou pelas suas doutrinas, mas sim pela sua realidade original e fundacional que o cria como um evento, uma experiência, uma história de vida.

Assim sendo, o povo de Deus não se resume a um relato, a um passado nem a uma perspectiva de entendimento. Na realidade, não se conhece um tratado nem um poder únicos que definam o povo de Deus. A leitura da *torah* é críptica; por isso também, no interior do povo de Deus surgiram a profecia, a sabedoria, a lei oral e escrita, a *misná*, e os talmudes, como resposta permanente do povo a Deus e o desejo de assumir a sua vontade¹.

¹ Cf. D. KLINGHOFFER, *Why the Jews Rejected Jesus*, New York 2005, 24.

Em síntese, o empenho contínuo em responder em obediência a Deus é parte integrante do ser e da vocação do povo de Deus².

Nesse sentido, o povo de Deus é a resposta contínua ao seu evento fundacional e original. Barclay sublinha que, mais importante que elencar os frutos desse evento do povo de Deus e tentar descobrir os principais elementos que o configuram (ou a partir desses definir o povo de Deus) é perceber o ser e a vocação de Israel, ou seja, entender o seu evento fundacional e original³.

Segundo Barclay, o evento religioso que criou o povo de Deus ficou marcado pela sua etnicidade e pela sua condição de grupo em formação e em diferenciação⁴. Por isso, o povo de Deus percebeu-se como sendo um evento comunitário, étnico e religioso na unidade e para a unidade. Esse grupo é uma descendência, uma linhagem, uma tradição, uma relação, que as tradições judaicas identificam na sua origem com a dos patriarcas, de um modo particular, a de Jacob e a de Israel⁵.

Assim sendo, na sua origem, no seu passado, presente e futuro, essa linhagem é a realidade única e eterna do povo que vive do evento vital que o criou e cria como descendência. As diversas tradições bíblicas revelam como essa relação se realiza, recriando-se a partir da dinâmica do seu evento fundacional e original.

Como Leder propõe, o evento fundacional e original do povo de Deus é o ser e o reconhecer-se como a pessoa, a descendência, a família, a comunidade, o povo escolhido e tomado por Deus: *tomar-vos-ei como meu povo, e serei o vosso Deus* (Ex 6,7)⁶.

² Cf. J. BLENKINSOPP, «The Development of Jewish Sectarianism», in O. LIPSCHITS – G. N. KNOPPLES – R. ALBERTZ, ed., *Judah and the Judeans in the Fourth Century BCE*, Winona Lake 2007, 385-404.

³ Cf. J. M. G. BARCLAY, *Jews in the Mediterranean Diaspora. From Alexander to Trajan (323 BCE-117 CE)*, Berkeley 1999, 399 ss.

⁴ O autor procura prová-lo em cinco factos da documentação de então: a terminologia usada pelos judeus; o entendimento que os gentios tinham dos judeus; a ressocialização dos prosélitos; o reconhecimento social da endogamia; a educação dos filhos na lei; cf. J. M. G. BARCLAY, *Jews*, 405-413.

⁵ Cf. G.W. AHLSTRÖM, *Who Were the Israelites?*, Winona Lake 1986, 23.

⁶ Cf. D. LEDER, «Yehoshua and the Intact Covenant», in B. BRUTEAU, ed., *Jesus Through Jewish Eyes: Rabbis and Scholars Engage an Ancient Brother in a New Conversation*, Maryknoll 2001, 150.

Desse modo, em primeiro lugar, Israel é um povo, uma comunidade, um conjunto de pessoas, uma unidade, uma descendência, uma tradição, e, nesse sentido, também uma realidade com um estilo de vida próprio⁷.

Porém, Israel não é só um povo, é também o povo determinado e único; pois não existe outro povo de Deus nem outros povos de Deus concorrentes e divididos, mas sim um único povo criado por Deus. Ao mesmo tempo, por definição, o povo é constituído pela diversidade de cada uma das pessoas que o forma. Assim, o povo é ‘um’, ‘único’, ‘o’ e ‘uno’ na diversidade das pessoas que o integram⁸.

Israel é ainda o povo escolhido, pois vive em relação com Deus na medida em que responde, que reconhece, que obedece, que é parceiro da eleição original. É o escolhido, pois recebeu do Deus único – que tomou e toma a iniciativa – a sua condição de escolhido.

A sua eleição mede-se pela sua obediência, pertença, escuta ao Deus que o criou e que o recria continuamente. Israel não é o povo escolhido em oposição a outros povos não escolhidos. É o escolhido em oposição aos que não se reconhecem como escolhidos; e é-o na medida em que corresponde à eleição universal da humanidade feita pelo único Deus⁹.

Assim sendo, Israel é o povo de Deus, pois responde ao Deus único, a que tem por Deus, assumindo-se como posse e propriedade do Senhor, a quem reconhece e obedece na relação única de pertença que o define. Efetivamente, é a vivência de ser o povo escolhido que o define e o distingue de outros povos.

Concluindo, a originalidade do povo de Deus é a relação que o constitui e recria. O povo escolhido compreende-se e compromete-se no caminho de aliança e de ser testemunha de Deus num evento que o molda e dirige como comunidade nessa relação, onde é protagonista com Deus.

Desse modo, podemos dizer que o povo escolhido por Deus é ‘um’, ‘único’, ‘o’ (determinado) e ‘a unidade’ daqueles que vivem em relação de comunhão com o seu único Deus.

⁷ Cf. K. L. SPARKS, *Ethnicity and Identity in Ancient Israel*, Winona Lake 1998, 23ss.

⁸ Cf. Z. ZEVIT, *The Religion of Ancient World*, London 2001, 480ss.

⁹ Cf. S. HERRMANN, *A History of Israel in Old Testament Times*, Philadelphia 1981², 69ss.

Nessa relação original¹⁰, a compreensão que o povo tem de si, ao longo das suas gerações, aprofunda-se na medida do seu encontro com Deus¹¹. Com efeito, o povo é o fruto do seu reconhecimento e da sua relação com o seu Deus, onde a eleição, a pertença, a obediência, a resposta a Deus são, desde o início, elementos vitais próprios.

A partir dessa realidade vital, brotam diferentes respostas internas à sua vivência em oposição à vivência de outros povos e, de um modo particular, surgem e compreendem-se as suas principais instituições: a lei, o templo, e a terra.

A importância da única lei, do único templo e da única terra manifesta a compreensão da relação vital de pertença entre o único, o uno, o Senhor Deus e o seu único, uno e fiel povo. Por isso, a história do povo é a história da sua relação com Deus, que o faz ser imagem e semelhança do seu Deus.

2. Evento fundacional na história de Abraão, Jacob e José

A história do povo de Deus é a história da sua resposta a Deus. Diante do Senhor, não houve nem há várias direções nem várias motivações; há sim a direção e a motivação do Senhor Deus, há filhos de Deus e outros que não se têm como seus filhos, há o povo de Deus e outros povos.

No entanto, o povo criado para ser de Deus vive, desde o seu início, em tensão entre o cumprir e o não cumprir a vontade de Deus, entre a unidade e a dispersão.

Adão, criado por Deus, não chegou a participar em plenitude das maravilhas criadas por Deus devido à sua desobediência (cf. Gn 1,1ss). Moisés, por quem Deus deu a lei ao povo, não chegou a entrar na terra por causa da sua atitude contrária ao Senhor (cf. Dt 32,51; 34,1ss). David, a quem Deus confiou o início da monarquia e a construção do templo, pela mesma razão, não viu a prosperidade da primeira e a elevação do

¹⁰ Entre os termos hebraicos do AT para designar a escolha ou eleição do povo, a raiz *bāhar* expressa de um modo particular o seu ser; indica a função ou ação das pessoas ou lugares escolhidos por Deus (cf. Dt 7,6). Israel é o povo escolhido nessa dinâmica vital de pertença, reciprocidade e atração ao evento que o criou e cria sempre como único e uno. Cf. B. MAZAR, *Biblical Israel*, Jerusalem 1992, 55ss.

¹¹ Cf. B. S. CHILDS, *Biblical Theology on the Old and New Testament*, Minneapolis 1993, 316ss.

segundo (cf. 2Sm 12,1ss). O povo, a quem Deus desejou a unidade na sua terra, dispersou-se por não o adorar (cf. Ez 3,1ss).

Assim, na obediência ou não a Deus, na harmonia ou não do mundo, na unidade ou na dispersão do povo, a história de Deus e do seu povo nasce e orienta-se para a unidade. Nesse sentido, importa perceber como o evento fundacional e original de Israel, em alguns dos principais momentos da sua história, realizou ou não realizou, se orientou ou não se orientou para a unidade do povo desejada por Deus. Partindo do relato da criação, olhamos como Abraão, Jacob e José, paradigmaticamente, surgem como modelos de resposta a essa vocação única do povo de Deus.

2.1 Criação e vocação do homem

De acordo com a *torah*, a história e o caminho do povo começam com a criação divina e completam-se avistando a terra prometida (cf. Gn 1,1ss). Em Adão, que representa o humano criado, a singularidade da pessoa humana e toda a humanidade, abre-se a cada um e a todos os humanos o caminho para a terra, só possível segundo a vontade de Deus, que o criou à sua imagem e semelhança¹².

Em síntese, o ser humano realiza-se em relação com o criador, com a humanidade e com a criação. Viver é relacionar-se como imagem e semelhança de Deus¹³.

Tendo por base a terra, que lhe deu um corpo, e o seu espírito, que lhe deu o seu ânimo, Deus criou o ser humano como uma unidade de ser, uma pessoa vivente. O humano é uma unidade com uma identidade (*nefesh*), uma força (*ruah*), uma materialidade e debilidade (*bāsār*) e uma capacidade de relação (*ʾis – ʾissā*). Assim sendo, viver é possuir essas forças e ser em relação, morrer é perdê-las e ser isolado¹⁴. Por isso, o ser humano, o único

¹² Cf. A. WENIN, *L'Homme biblique*, Paris 2004², 33ss.

¹³ Cf. E. NOORT, «The Creation of Light in Gn 1,1-5», in G. H. VAN KOOTEN, ed., *The Creation of Heaven and Earth*, Leiden 2005, 3-20.

¹⁴ Esta noção fundamental do homem bíblico não exclui outros modos de compreender o ser humano. Filão assume a ideia platônica da preexistência da alma, justapondo matéria, espírito e ideias. Josephus aproxima-se dessa linha dualista: o homem é composto de corpo mortal e de alma imortal, parte da divindade que mora no homem. Cf. H.W. WOLFF, *Anthropologie des Alten Testaments*, München 1973, 25ss.

ser criado pela mão de Deus (cf. Gn 1,27; 2,7), foi criado e é recriado unido a Deus como sua imagem e semelhança.

Com efeito, a humanidade é uma unidade, pois todos os seres humanos são filhos de Adão, todos são criados pelo ‘toque’ de Deus. Não obstante, não existem dois seres humanos iguais.

A unidade e a diversidade do ser humano encontram na unidade e na diversidade dos dois sexos a sua maior expressão: a unidade deles gera vida; e a unidade realiza-se na sua diversidade (cf. Gn 1,28; 2,8.24).

Portanto, a unidade é o lugar do uno e do diverso. Nesse dinamismo vital, a humanidade experimenta a consumação do projeto edênico em toda a sua potencialidade e harmonia.

Desse modo, o ser humano é também definido pelo poder de conhecer e de ser livre. Ser em relação com Deus, que o criou, é ser humano. Em oposição, não conhecer, não ser em relação com Deus, desconfigura-o.

Nesse sentido, a história do ser humano, da humanidade, abre-se e vive-se no sábado comunitário e para o sábado comunitário, ou seja, para a relação com o único Deus num compasso que toca a vida de todo o povo num ritmo semanal, anual, jubilar (cf. Gn 2,1-4).

Em Adão, Deus chamou toda a sua descendência para a perfeita realização do seu projeto criativo, no qual todos os humanos são irmãos. O percurso iniciado com a criação realiza-se na relação vital e única com Deus, o criador do universo. Neste caminho adâmico, Abraão e os seus são chamados a ser a descendência em aliança com o seu Deus como seu modo de ser¹⁵.

2.2 Abraão e a sua descendência

Em Abraão, o caminho da criação expressou-se na aliança de Deus com um homem e com a sua família, como compreensão do desejo de Deus de reunir junto de si toda a humanidade.

¹⁵ Cf. F. CRÜSEMANN, *Die Tora. Theologie und Sozialgeschichte des alttestamentlichen Gesetzes*, München 1992, 121ss.

A vocação de Abraão e da sua descendência orienta-se para a harmonia assegurada por Deus, realizável não como mera construção humana, mas na unidade dos diversos idiomas em relação ao único Deus (cf. Gn 6,5ss)¹⁶.

Nesse sentido, a história de Abraão é o início da história do povo chamado a ser povo de Deus. A descendência de Abraão foi e é chamada a testemunhar o ser humano e da humanidade nos valores divinos em caminho para a consumação da criação em aliança com o único Deus; por isso, a sua experiência é fundamentalmente decisiva no dinamismo do judaísmo (cf. Gn 12,1ss).

Deus chama Abraão, e ele responde-lhe seguindo o seu desígnio. A dinâmica chamada-resposta define o ser e a vocação de Abraão. Deus chama-o a caminhar, chama-o a um modo de ser. Abraão deixa os seus caminhos, a sua família e a sua terra, para seguir a chamada de Deus.

Desse modo, o ser e a vocação de Abraão não dependem vitalmente de si, de lugares ou de tradições, mas sim da obediência a Deus. A dinâmica chamada-resposta é de tal modo vital, que lhe mudou o nome (cf. Gn 17,5), o ser, a identidade: passou a ser de Deus, da sua relação com Deus; o seu caminhar é o desígnio de Deus.

O ser em relação com Deus implicou uma especial existência, um modo de ser. Abraão é caracterizado pela obediência, pela conformação a Deus. O ser e a vocação de Abraão são em comunhão com o seu Deus¹⁷.

De facto, Abraão não é só nem é chamado a ser só. O seu ser e a sua vocação são o ser e a vocação da sua descendência. Abraão é chamado a ser numa descendência imensa, como as estrelas do céu e a areia do mar (cf. Gn 15,5; 22,17). A resposta, o caminho, a obediência de Abraão são a resposta, o caminho, a obediência da descendência que Deus lhe destina. O seu ser escolhido é o ser escolhido da sua descendência¹⁸.

Portanto, a totalidade do ser e da vocação de Abraão a Deus é a totalidade do ser e da vocação da sua descendência, que foi e é chamada vitalmente a ser total relação com Deus. Por isso, o povo é o povo de Deus ao entrar e ao ser em relação única e exclusiva de aliança com o Senhor, ao ser

¹⁶ Cf. J. L. SKA, «Nel segno dell'arcobaleno: il racconto biblico del diluvio (Gn 6-9)», in M. LORENZANI, ed., *La natura e l'ambiente nella bibbia*, L'Aquila 1996, 41-66.

¹⁷ Cf. R. S. HENDEL, R. S., *Remembering Abraham*, New York 2005, 31ss.

¹⁸ Cf. K. MÜLLER, *Tora für die Völker: Die noachidischen Gebote und Ansätze zu ihrer Rezeption im Christentum*, Berlin 1994, 78ss.

na vida, na existência, no caminho, na história, na comunhão, na lei, na terra, na prosperidade de Deus.

Na sua realidade humana, Abraão recebe de Deus a descendência chamada na unidade e à unidade como povo (cf. Gn 15,1ss). Em síntese, a fidelidade do povo ao seu Deus realiza-o e aproxima-o ao seu ser e à sua vocação de povo único e unido.

Assim sendo, o evento vital e paradigmático de Abraão e da sua descendência, como constante evento fundacional, move a história do povo na medida em que pessoalmente, comunitariamente e universalmente vive em relação com o Senhor Deus e assim chama a essa relação toda a humanidade¹⁹.

Como sinal da total e eterna pertença a Deus, Abraão dispôs-se a circuncidar a sua descendência (cf. Gn 17,9-14). Por outras palavras, o povo é unidade, vive unido a Deus, é relação vital nele e nos seus descendentes (cf. Dt 10,12-22).

A Abraão, Deus pediu que ordenasse a seus filhos que guardassem o seu caminho, praticando a retidão e a justiça (cf. Gn 18,19); assim seria próspero na sua descendência e seriam abençoadas todas as famílias da terra (cf. Gn 12,3); ou seja, a justiça abraâmica tribal é chamada a ser universal (cf. Gn 18,16ss). Renovada com Isaac e com Jacob, a aliança confirmou-se como eterna num povo chamado a ser de Deus.

Em síntese, a história de Abraão (cf. Gn 11,27-25,11) mostra-nos, por um lado, o desígnio amantíssimo de Deus que reconcilia o homem consigo, e, por outro, a aventura existencial e feliz de quem confia no Senhor. Não obstante os obstáculos malditos, herdados das suas gerações passadas, e as dificuldades de um futuro inesperado (cf. Gn 2-11), Abraão encontra na sua relação filial com o Senhor o santuário onde se realizam as promessas de Deus. Abraão é o depositário da aliança que fundamenta a esperança da sua descendência e da humanidade inteira.

¹⁹ Cf. J.-L. Ska, *Abraham*, Brugge 2005, 67ss.

2.3 Jacob e Israel

No seio da descendência de Abraão, a história de Jacob é vitalmente marcada pela bênção que recebe do Deus de seus pais (cf. Gn 27,1ss; 32,30ss), à qual corresponde continuamente.

Perante o conflito com o seu irmão Esaú, com o seu sogro Labão, com os seus filhos e com o próprio Deus, a vida de Jacob é uma contínua bênção do Senhor, ou seja, uma constante realização da vontade de Deus nele. Nesse trajeto destacam-se três eventos fundamentais: o sonho de Jacob, a vitória de Israel e as doze tribos de Israel²⁰.

Num sonho, Jacob vê uma escada assente na terra até ao céu, pela qual subiam e desciam mensageiros de Deus. No cimo dela, o Deus de Abraão e de Isaac promete-lhe: a terra, a descendência pelos quatro cantos do mundo abençoando todas as famílias e a sua contínua presença protetora. Jacob percebe que aí era a casa de Deus e a porta do céu. De facto, declara, o Senhor estava realmente naquele lugar (cf. Gn 28,12ss).

Desse modo, Jacob vê a morada e a presença de Deus no mundo, encontrando o único Deus num caminho de contínua bênção da terra ao céu como bênção para o mundo. A qualidade desse encontro e da morada de Deus no mundo depende da relação dos seus descendentes com Deus, que estabelece a sua habitação na terra na família dos seus adoradores²¹.

Com efeito, Deus não é só o criador da natureza e o Senhor da história, é o Pai da família que tem a sua morada na terra unida e em caminho à morada do céu. Jacob encontra Deus no cimo e no fundo da escada; não obstante a radical majestade de Deus, Deus revela a sua presença e abre a sua porta ao mundo²².

Num outro momento significativo da sua existência, no total silêncio e solidão da noite, na sua realidade total e autêntica, Jacob enfrenta Deus (cf. Gn 32,25ss)²³. Ao surgir da luz do novo dia, na sua pura fidelidade, e mesmo ferido por essa, vence; por isso, Deus dá-lhe o nome de Israel.

²⁰ Cf. J. VERMEYLEN, «Le vol de la bénédiction paternelle», in ID., *Quand le voleur est béni par Dieu. Une lecture de l'histoire de Jacob* (Gen 25-36), Bruxelles 1993, 20ss.

²¹ Cf. R. RENDTORFT, «Jakob in Bethel. Beobachtungen zum Aufbau und zur Quellenfrage in Gen 28,10-12», *ZAW* 94 (1982), 511ss.

²² Cf. J. L. KUGEL, *The Ladder of Jacob*, Princeton 2006, 9ss.

²³ Cf. L. BASSET, *Sainte colère*, Genève 2002, 119ss.

A alteração do nome de Jacob é total: de um nome pessoal e dado pelo pai, passa a um nome comunitário e dado por Deus: Israel. Portanto, Israel é pessoa e é comunidade.

Jacob não só enfrentara e vencera o destino cósmico diante de Deus e de toda a humanidade, como nele foi dada origem, por vontade divina, a Israel, sujeito da aliança com Deus. Desse modo, Jacob dá seguimento ao destino de unidade do seu povo e do mundo na relação com a bênção de Deus.

Assim sendo, Jacob é modelo para todo o Israel na sua dimensão pessoal e comunitária (cf. Gn 32,28). Ao desejo de Jacob vencer, corresponde o seu novo nome. No desejo de ter a bênção divina, alcança-a. Perante Deus, Jacob experimenta a vitória²⁴. Com efeito, depois de chamá-lo Israel, o Senhor onipotente exorta-o a multiplicar-se, pois uma nação reunida de povos provirá dele (cf. Gn 35,11ss).

Ao desejo de Jacob de conhecer o nome de Deus, este dá-lhe a sua bênção, a sua descendência, a sua promessa, a sua presença, que Jacob pedira logo após o seu embate (cf. Gn 32,27). Então Jacob conclui que, por ter visto Deus face a face, este permanecia vivo (cf. Gn 32,31). Perante o aparente insuperável abismo, Deus faz a ponte, une o céu e a terra, comunicando-se face a face e chamando Israel a não cessar de ir a si²⁵.

Entre o seu sonho e a sua vitória, a bênção de Deus a Jacob manifesta-se de um modo particular no dom dos seus doze filhos, os herdeiros das doze tribos de Israel. A casa de Deus no mundo a caminho da sua morada no céu encontra na unidade das doze tribos a sua nova configuração, unindo a descendência até então ainda dispersa. Assim, da experiência de Jacob nasce Israel na unidade e na diversidade dos seus doze filhos.

Antes de morrer, Jacob deixa a sua bênção a cada um dos seus filhos. Com José, primeiro traído e depois escolhido pelos irmãos como Senhor (cf. Gn 50,15ss), Jacob completa a série de bênçãos com um dom especial: seria coroado pelos irmãos.

Porém, não obstante a promessa de Jacob a José e a disposição dos seus onze irmãos de o servirem (cf. Gn 50,18), José não se coloca no lugar de

²⁴ Cf. V. B. H. MIRJAM, *Verso l'Uno*, Bologna 2005, 27ss.

²⁵ Cf. J.-L. SKA, «Genèse 25,19-34», *MoBi* 44 (2001) 11-21.

Deus e, antes de morrer, conforta-os, pois o Senhor cuidaria deles e os faria chegar à terra que jurou a seus pais (cf. Gn 50,19-24).

Em contraposição a José, Jacob começara por abençoar Rúben, o mais velho, que não se tornou o primeiro por causa da sua conduta, e por falar da dispersão de Israel em Simeão e Levi por causa da sua violência e do culto a deuses estranhos (cf. Gn 49,3-7). Depois, abençoou os restantes filhos, começando por destacar a primazia de Judá até à vinda daquele a quem pertencem todos os seus filhos e o mundo deve obediência (cf. Gn 49,8ss)²⁶.

Efetivamente, a unidade e a diversidade das doze tribos são o fruto da experiência de Israel e pertencem ao que virá, a quem eles e o mundo devem obediência e que é razão da sua unidade. Por isso, após o seu embate com Deus, Jacob foi ao encontro do irmão Esaú com o desejo de voltar a ver o seu rosto como se visse o rosto de Deus (cf. Gn 33,10ss).

Os dois colocam-se a caminho juntos e Jacob só pede ao irmão bom acolhimento. Em síntese, Jacob, Israel, confirma o desejo de Deus para cada um dos seus descendentes e para todo o seu povo: acolher os seus filhos como morada de Deus no mundo, como caminho para Deus²⁷.

Concluindo, a história de Jacob (cf. Gn 25,12-37,1), depois da breve história de seu Pai Isaac (cf. Gn 25,12-27,46), manifesta como o amor de Deus é sempre fiel. De facto, o Senhor revela em momentos centrais da vida de Jacob a sua presença contínua e desejosa da salvação da sua descendência. Jacob manifesta uma densa e apurada complexidade de vida, muitas vezes feita de intrigas, litígios e favorecimentos. Não obstante, o Senhor é sempre fiel e recorda que apenas partindo dele e reconciliados com o próximo podemos chegar à reconciliação com os nossos irmãos.

2.4 José, o pai e os irmãos

No seguimento da história dos seus antepassados, muito particularmente a de Abraão, Isaac e Jacob, a história de José (cf. Gn 37,2-50,26) é

²⁶ Cf. G. VON RAD, *From Genesis to Chronicles: Explorations in Old Testament Theology*, H. C. Hanson, ed., Minneapolis 2005, 75ss.

²⁷ Cf. R. DE VAUX, *Histoire ancienne d'Israël*, I-II, Paris 1971, 1973, 56ss.

modelo de sabedoria na gestão do bem comum e da justiça entre irmãos, em vista da pedagógica reconciliação fraterna.

José é o homem providencial, a quem a Palavra do Senhor surge sempre como selo de verdade e de justiça, verificando assim o desejo maior de seu pai, a unidade dos seus filhos. Nesse sentido, destacam-se três dimensões fulcrais na história de José: a discórdia dos irmãos; José, o Pai e os irmãos; e a reconstrução da unidade da família.

A história de José e dos seus irmãos, ao jeito do sucedido nas histórias de Caim e Abel, e de Jacob e Esaú, começa em tensão e transforma-se em divisão. Na realidade, o ciclo de José inicia-se com as desavenças entre José e os seus irmãos. O texto descreve as motivações profundas dos irmãos para com o irmão mais novo, filho do mesmo pai (cf. Gn 37,1ss).

De acordo com a compreensão dos irmãos de José, é o facto do Pai preferir José, por ser o mais novo, e de este atentar ao poder, que provoca um crescendo de ódio dos irmãos para com ele, o qual vai terminar com uma tentativa de homicídio e com uma deliberada mentira apresentada a Jacob, pai de todos eles.

O desejo de poder dos irmãos é expresso no texto pela túnica (cf. Gn 37,3.23). Contudo, como nos dirá a história presente no texto, o entendimento do Pai e de José acerca do poder distingue-se claramente em relação à compreensão que os demais irmãos assumem em relação ao poder. Assim, o texto coloca-nos diante de uma percepção e de um julgamento diferenciados, pois, por um lado, o poder do pai e de José é o amor familiar entre irmãos e, por outro, o poder dos irmãos é o domínio de um sobre os outros.

Nesse sentido, a discórdia entre os irmãos será uma oportunidade para que os mesmos revejam as suas motivações e se disponham a acolher o desejo do pai, que é a unidade dos irmãos. Por isso, como diz o texto, José era o amado do pai, por ser o mais pequeno (cf. Gn 37,3), o mais frágil, assim como será mais tarde Benjamim.

Tanto assim é que o facto de José ser vendido será mais um episódio de um grande itinerário cognitivo, ou melhor, de conversão, que os seus irmãos serão chamados a fazer. Isso mesmo acontecerá com as várias sequências de releituras que os próprios irmãos farão do seu pecado, ao ponto de se lhes abrirem o entendimento e se disporem a acolher o poder do Pai e de José, que no essencial é a unidade da família.

Podemos destringir na história de José o seguinte tripé: o Pai, os irmãos e José. O desejo do Pai é a unidade dos seus filhos, ou melhor, que eles se amem como o Pai os ama. Os irmãos pretendem o poder para que um possa dominar sobre os outros. José, que ama os irmãos com o amor do Pai, será um instrumento providencial de Deus que guiará os irmãos à conversão, ou seja, ao amor recíproco segundo o amor do Pai.

Assim sendo, ao contrário daquilo que os irmãos desejam e invejam em José, o seu irmão mais novo alcançará o poder máximo neste mundo, igualando o próprio Faraó, não para que dominasse alguém, menos ainda para que pudesse dominar os seus irmãos, mas sim para reconduzir os irmãos ao amor recíproco segundo o desígnio do pai Jacob.

Nesse sentido, a grande missão de José é a de permitir aos seus irmãos que se libertem do pecado, isto é, do desejo de dominar o outro, e para isso é necessário que se convertam, ou seja, que tomem consciência da sua errada compreensão e se disponham a acolher o amor do Pai e do seu irmão José e assim se amem reciprocamente²⁸.

O caminho de conversão será marcado pela austeridade material e, sobretudo, pelo constante amor do Pai para com os filhos, particularmente os mais novos, e pela estratégia que José utiliza para que os seus irmãos, relendo a sua própria história, cheguem à conversão, ou seja, ao poder do pai e de José: o amor familiar entre irmãos como poder configurador da reconstrução da unidade familiar.

²⁸ Cf. A. WENIN, *Giuseppe o l'Invenzione della Fratellanza*, Bologna 2007, 73ss.